

AS SIGNIFICAÇÕES E REPRESENTAÇÕES NA CERÂMICA GREGA RELATIVA À *ODISSÉIA* NA GRÉCIA DO SÉCULO V A.C. E NA CONTEMPORANEIDADE

Mariana Albuquerque (NEA/UERJ)

Orientadora: Prof.^{ca} Dr.^{ca} Maria Regina Candido (NEA/UERJ)

Este trabalho foi desenvolvido a partir das aulas ministradas pela Professora Maria Regina Candido na disciplina Laboratório de História I, do curso de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Apresentamos um breve estudo sobre algumas representações e significações da *Odisséia* na cerâmica grega do século V a.C. e na contemporaneidade. Para o desenvolvimento do trabalho foi escolhido como objeto de análise o vaso de cerâmica de figuras vermelhas grego com a representação de uma passagem da *Odisséia*, “Ulisses e o Canto das Sereias”. O vaso selecionado é um *stamnos* definido como pote de cerâmica, cuja função é armazenar água e misturar líquido, datado do século V a.C. A cerâmica é procedente da região Ática, na Grécia e inventário de *Vase E440, Old Catalogue 785*. Entretanto, não podemos analisar o vaso sem entender um pouco da obra de Homero, o que nos leva a relacionar o vaso ao texto da Odisseia e a História.

A escolha do tema foi devido ao fato da relação entre a epopéia homérica com a narrativa histórica, tema substancial, tratado por uma infinidade de autores, que nos

possibilita estabelecer um paralelo entre dois tempos históricos, Grécia Antiga e o tempo presente. Através do objeto, do texto homérico e das observações acerca da relação com a História, podemos apontar para diversos temas, dentre os quais, a relação entre a oralidade e a escrita, o valor da figura do *aedos*, o papel dos mitos relacionado à questão da memória. Na nossa abordagem, nos deteremos no simbolismo da passagem pelas sereias e o significado do javali para a epopéia homérica e os gregos.

A Odisséia define-se como uma narrativa mítica do gênero epopéia, que originalmente fazia parte da cultura oral, embora posteriormente tenha sido perpetuado pela narrativa escrita, fato que levou a preservação da obra. A narrativa conta a história do retorno do herói aqueu Ulisses para sua terra Ítaca depois da longa guerra de Tróia que teve a duração de dez anos. Entretanto, durante o caminho de volta para o lar, que durou cerca de uma década, o herói Ulisses enfrenta vários obstáculos que o distanciam de sua casa, mas com esforço e astúcia, o herói regressa à Ítaca. Segundo Hartog, “desde a abertura da Odisséia, situamo-nos depois, na memória do acontecimento e na lembrança do luto e dos sofrimentos padecidos, isto é, dez anos após esse acontecimento maior”¹⁵³.

Em continuidade a nossa análise, temos que estabelecer a relação entre oralidade e escrita no poema homérico. Conforme Havelock não devemos pensar a composição oral dos gregos como improvisado ou meramente estilística, e sim entender que ela era uma composição rítmica, poética, inclusive. Não obstante, os termos “poético” e “poesia” equivalem ao “letrado” e a “arte da escrita”. A invenção do alfabeto, que converteu a língua grega em artefato, introduziu um novo *estado mental*, o de uso do alfabético. Vale ressaltar que o aparecimento do signo alfabético e, por conseguinte, da escrita fonética foi uma das inovações que contribuíram para a formação da *pólis* ateniense.

Segundo a historiadora Neyde Theml, em seu livro “O público e o privado na Grécia”, a apropriação da escrita na *pólis* se fez, primeiramente, na modalidade de comunicação oral, pois a escrita era pública, portanto era para ser vista, lida e ouvida.

¹⁵³ HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Ed. UnB, 1973, p. 17.

Apesar da emergência da escrita, a tradição oral não se desestruturou ambas coexistiram por isso os primeiros textos possuíam marcas de oralidade. Conforme Havelock, podemos observar na transcrição alfabética dos textos homéricos, mesmo sendo construções complexas, essa característica de parceria entre o oral e escrito.

Segundo Havelock, a escrita, ao se tornar um artefato visível, podia ser preservado sem recurso à memória. O registro histórico anterior a ela era poético e, posteriormente, a história ganha corpo e subsiste como artefato escrito, no qual a prosa é o meio adequado para este fim. Em geral, é usada como linguagem de instrução e de informação, prezada em termos de conteúdo. Se no registro “pós-escrita” temos a figura do historiador, na preservação da memória dos antigos, há a figura do *aedos*. Ao contrário da autoridade do *histor* que era conferida por ele ser uma testemunha que viu (*autopsia*) e investigador que ouviu, a autoridade do *aedo* consistia na inspiração advinda das *Musas*.

Conforme o historiador Jean-Pierre Vernant, em “Mito e pensamento entre os gregos”, o *aedos* possuía uma visão dos acontecimentos passados, quando inspirado pelas *Musas* que viam tudo o que acontecia. O poeta conhece o passado, pois ele tem o poder de estar presente no passado. “Presença direta no passado, revelação imediata, dom divino, todos esses traços, que definem a inspiração pelas *Musas*”¹⁵⁴. A relação do *aedos* com a memória era estabelecida através da última, uma vez que a memória transporta o poeta para os acontecimentos de outrora e a organização temporal da sua narrativa reproduz tais acontecimentos, os quais ele assiste na ordem em que ocorreram.

Entretanto, a rememoração do passado tem como requisito necessário o esquecimento do tempo presente. Podemos perceber essa característica ao analisarmos a figura do *aedos*, que apesar de conseguir visualizar o passado e coisas que ele jamais presenciou quando inspirado pelas *Musas*, preservando o passado através da memória, não lhe era possível ver o presente, pois era cego. Não obstante, a figura do *aedos* e o seu

¹⁵⁴ VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. São Paulo: DIFEL / EDUSP, 1973, p. 74.

canto eram importantes para os gregos, pois instituía o resguardo da memória, não só dos heróis, mas da própria *polis* e dos próprios gregos, dessa forma, para Vernant, memória pode ser vista como uma fonte de imortalidade.

Memória também se faz presente na própria epopéia. Durante toda *Odisséia*, a memória está presente, não só através do *aedos*, como já discutido, mas tanto na figura de Ulisses quanto daqueles que retornaram da Guerra, como Menelau, ou dos que ainda aguardam o herói em casa, como seu filho Telêmaco e, principalmente, sua esposa Penélope. Para o historiador François Hartog, Ulisses é apresentado como aquele que, diferente de seus companheiros, não quer esquecer, nem seu retorno, nem de Ítaca, nem de Penélope, nem de quem ele próprio é, inclusive porque todas essas lembranças o fazem ser Ulisses de Ítaca.

Segundo Hartog, “epopéia do retorno, mas retorno doloroso (*lygrós*), a *Odisséia* é habitada pela ausência e construída em torno da memória”¹⁵⁵. Quando Telêmaco procura notícias do pai junto a Menelau, notamos que este foi tomado por um *póthos*, ausência, em decorrência de todos aqueles que, diferente dele não regressaram da Guerra, especialmente de Ulisses. Instaura-se, então, uma angústia em todos os que estão presente no banquete oferecido por Menelau. Para que diminuam os lamentos e a dor, Helena coloca no vinho um *phármakon* que tem o efeito de um “antiluto”, *nepenthés*, convidando todos a serem levados pelo prazer, *térpsis*, das histórias. Então, nesse momento, o *phármakon* transforma o *póthos*, a ausência, em passado.

Conforme Hartog, “se os funerais, como instituição forjada para aculturar a morte, marcam de fato ‘a passagem da reminiscência patética do *póthos* a uma memorização mais distanciada e objetiva, a uma memória institucionalizada conforme o código social de uma cultura heróica’, o canto épico vem coroar o processo, transformando ‘um indivíduo

¹⁵⁵ HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Ed. UnB, 2003, p. 19.

que perdeu a vida na figura de um morto, cuja presença como morto está definitivamente inscrita na memória do grupo”¹⁵⁶.

Por outro lado, na passagem de Ulisses pelas sereias, representada no pote de cerâmica grega de figuras vermelhas, procedente da região da Ática, do século V a.C., temos um Ulisses que não é só o homem da memória, como também é aquele que quer conhecer, saber até mesmo o que não deve conhecer. Segundo o mitólogo, Junito de Souza Brandão, há uma versão em que as sereias eram jovens muito belas que participavam do cortejo de Perséfone e quando Hades a raptou pediram aos deuses que lhes dessem asas para que pudessem procurá-la na terra, no céu e no mar.

Por não terem impedido o rapto de sua filha, Deméter as transformou em monstros. Sereias, então, atraíam os homens para suas mortes sem *kleos*, glória. Há versões em que elas, sentindo-se despeitadas por terem sido vencidas, se atiraram ao mar. Uma tradição tardia descreve as sereias como criaturas metade mulher, metade peixe, descrição que perdura até a contemporaneidade. A etimologia nos mostra que sereia, *seirén*, vem de *seirá*, que significa nó, laço, cadeia, ou seja, uma prisão que sentenciava os homens ao esquecimento.

Na passagem da epopéia, o que as sereias dizem a Ulisses é o que irá se disser dele quando estiver morto, o Ulisses que será cantado com glória pelos *aedos*. As sereias cantam como se já estivesse morto, porém, ele ainda está vivo. Elas o atraem para a morte, que consagrará a sua glória, pois somente a morte pode dar aos humanos a fama que não perecerá, entretanto as sereias possibilitam, na verdade, uma morte com falsa glória. Segundo Brandão, hábeis na música e cantoras, Ligia toca flauta, Partênope dedilha a lira e Leucósia canta, “as sereias simbolizam a sedução mortal.

Cortejando-se a vida com uma viagem, as sereias traduzem as emboscadas, provenientes dos desejos e das paixões (...) configuram criações do inconsciente, dos sonhos alucinantes e aterradores em que se projetam as pulsões obscuras e primitivas do

¹⁵⁶ Ibid, p. 20.

ser humano”¹⁵⁷. Como, então encantado ao passar por esses seres, Ulisses não sucumbiria? Brandão também nos elucida essa questão ao disser que “foi necessário, por isso mesmo, que Ulisses se agarrasse à dura realidade do mastro, que é o centro do navio e o eixo vital do espírito, para escapar das ilusões da paixão”¹⁵⁸.

Ainda na cerâmica podemos identificar outra representação importante, é a figura do javali na proa da embarcação. Esse animal é relacionado ao próprio Ulisses, pois quando jovem, entorno dos quinze anos, fora à casa do avô materno para passar por sua iniciação de *koûros*, ou seja, passar da criança ao adulto. Tratava-se de enfrentar um javali, armado com uma lança, e derrotá-lo, o que Ulisses fez, mas, não a tempo de evitar que o javali lhe abrisse a coxa na altura do joelho e lhe desse a cicatriz, através da qual será reconhecido por sua ama Euricléia quando retorna disfarçado à Ítaca, essa cicatriz é a assinatura de Ulisses.

Não obstante, podemos relacionar a esta observação outra significação do javali, pois além de ser o animal que marcou Ulisses, representa a aristocracia grega, da qual Ulisses fazia parte, uma vez que só aqueles que fossem da aristocracia possuíam condições para a caça de javali. Quanto à cerâmica, podemos deduzir que pertenceu a algum *aristhos*, pois só quem tivesse recursos poderia possuí-la, uma vez que a cerâmica na Grécia antiga era um objeto de alto custo pertencia à aristocracia.

Dessa forma, com base na análise do objeto e dos textos utilizados, podemos perceber a relação do objeto, assim como da epopéia e da História, com a memória. O primeiro guarda as características do período em que foi feito, século V a.C., e os significados que estão incutidos nele, seu pertencimento as elites e o resguardo da memória, tanto da época da epopéia quanto da época em que foi feito. A epopéia guarda as características de uma época anterior ao século do vaso, especulasse que seja do século VIII a.C., embora também preserve esse objetivo de perduração da memória. Assim como

¹⁵⁷ BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol. III. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, p. 311.

¹⁵⁸ *Ibid*, p. 311.

a História, que apesar de ganhar corpo e subsistir como um artefato escrito, visível que podia ser preservado sem recurso à memória, conserva o objetivo de resguardar a memória.

Nesse trabalho, foi utilizado como historiografia a História Cultural. Assim como Jacob Burckhardt, fez em sua obra “A cultura do Renascimento na Itália”, esse trabalho procura, igualmente, não ocupar-se da esfera do geral. Esse viés baseado na diversificação da cultura vai à oposição à homogeneização, por isso a preocupação com uma massificação.

Por isso, com a base da História Cultural, que incorporando metodologias e conceitos de outras disciplinas valorizando grupos particulares, em locais e períodos específicos possibilita diversas interpretações da experiência histórica, este trabalho foi desenvolvido. O objeto abrange um período, século V a.C., uma cultura, a grega, e suas diferentes representações, significações e relações, não só para sua época, como também para as anteriores, assim como para as posteriores.

Semiótica da Imagem

DOCUMENTAÇÃO ICONOGRAFICA

Objeto: *Stamnos* – Tipo de pote de cerâmica.
Função Social: Armazenar água e misturar líquidos.
Data: Século V a.C.
Localização: *The British Museum* – Londres, Inglaterra.
Inventário: 1843,1103.31. *Vase E440, Old Catalogue 785*. Departamento *Greek & Roman Antiquities*, localização G69/25.
Procedência: Região da Ática, Grécia.
Forma: Arredondada, de pescoço largo e curto e duas alças, com a figura de um barco com focinho de javali, em que estão quatro remadores, um timoneiro, Ulisses, de rosto voltado para cima, amarrado ao mastro, há duas sereias (metade mulher, metade pássaro) em cima de pedras e outra mergulhando no ar.
Estilo: Cerâmica grega de figuras vermelhas.
Altura: 35,5 cm.
Bibliografia: <http://www.britishmuseum.org>.



Semiotica da Imagem baseado no
PEIRCE, Charles Sander. **Semiotic and significs**. Indiana Univ.Press, 1977.

Ícone	Símbolo	Interpretante
	Pote de cerâmica	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Stamnos</i> grego utilizado para armazenar água e misturar líquidos • Tipo: terracota
	Passagem de Ulisses pelas Sereias	<ul style="list-style-type: none"> • Passagem da Odisséia, poema de Homero. • Ulisses é prevenido pela deusa Circe sobre o encanto das sereias.
	Barco com focinho de javali	<ul style="list-style-type: none"> • Animal que deu cicatriz a Ulisses, a qual possibilitaria o reconhecimento daquele. • O javali é relacionado à aristocracia.
	Quatro remadores	<ul style="list-style-type: none"> • Quatro homens remando, um olhando por trás de seu ombro.
	Timoneiro guiando o barco, com a boca aberta	<ul style="list-style-type: none"> • Guiando o barco através das cordas de boca aberta. • Poderíamos sugerir que ele estivesse incentivando os remadores?
	Ulisses voltado com o rosto para cima, amarrado ao mastro, olhando para as sereias.	<ul style="list-style-type: none"> • O herói é aquele que quer saber, até mesmo o que ele não deve conhecer.



Sereia mergulhando no ar.

- Na antigüidade, sereias são seres, metade mulher, metade pássaro.

Bibliografia

BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002. Vol. III, 12ª edição.

HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Ed. UnB, 2003.

HAVELOCK, Eric A. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. São Paulo: Ed. UNESP / Paz e Terra, 1996.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. São Paulo: DIFEL / EDUSP, 1973.

_____. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.